

# Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 14 - Mar./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573

**ADRIANA CAROLINA DE SIQUEIRA**

**De geração a geração: Professor.**

## POIESIS



Carlos Eugênio Rêgo  
Cleia Teixeira da Silva Oliveira  
Danton Medrado  
Ivete Irene dos Santos  
J. Wilton  
Kayenne Kamylle  
Luiza de Souza Martins

Filada 3:  
**ABEC**  
BRASIL  
Associação Brasileira de Editores Científicos

## DESTAQUES

MÉTODO QUALITATIVO NA PESQUISA ACADÊMICA  
Adeilson Batista Lins

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA  
Aline Pereira Matias

A ANIMAÇÃO NARUTO E A POÉTICA VISUAL DA CRIANÇA NAS AULAS DE ARTE;  
NOVAS REPRESENTAÇÕES AO DESENHAR  
Isac dos Santos Pereira / Maria Ignes Carlos Magno



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)



Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 14 Março de 2021 - ISSN 2675-2573

 <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.14.2021>

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima

Isac dos Santos Pereira

Ivete Irene dos Santos

Manuel Francisco Neto (Angola)

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomaz Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

**AUTORES(AS)**

Adeilson Batista Lins

Aline Pereira Matias

Anna Carolyn Lima Kecek Ruis

Arlete Nogueira dos Santos Braga

Carla Lima Almeida de Couto

Edna dos Reis Ricardo

Fellipe William Marques Martins

Glauce Castor de Medeiros

Iolanda Aparecida dos Santos

Isac dos Santos Pereira

José Wilton dos Santos

Kelly da Cruz Bianchini

Maria Vanuzia de Lima Santos

Márcia Dantas dos Santos da Silva

Marinalda Bezerra da Silva

Michelly Aparecida Nogueira Sousa dos Santos

Rosemary Nunes Gomes

Vera Lucia Brasilino

**A**

São Paulo

2021

## **Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

## **Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Isac dos Santos Pereira  
Ivete Irene dos Santos  
Manuel Francisco Neto (Angola)  
Patrícia Tanganelli Lara  
Thaís Thomas Bovo  
Veneranda Rocha de Carvalho  
Vilma Maria da Silva

## **Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Me. Adelson Batista Lins  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Profa. Me. Ivete Irene dos Santos  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo  
Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

## **Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
Lee Anthony Medrado

## **Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

## **Contatos**

Tel. (11) 98031-7887  
Whatsapp: (11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com  
<https://primeiraevolucao.com.br>  
São Paulo-SP - Brasil

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.**

**Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

**Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.**

Filiada à:



Publicada por:

Edições  
**Livro Alternativo**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

## **PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

## **PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

## **A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 14 (mar. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

120 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.14.2021>

**[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)**

## 05 APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

## 08 HOMENAGEM

Adriana Carolina de Siqueira

## COLUNAS

12 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

118 POIESIS



## ARTIGOS

\* Destaque

★	1. MÉTODO QUALITATIVO NA PESQUISA ACADÊMICA Adeilson Batista Lins	17
★	2. A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DA CRIANÇA Aline Pereira Matias	25
	3. A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO Anna Carolyn Lima Kecek Ruiz	31
	4. PROTAGONISMO: AS METODOLOGIAS ATIVAS E O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM Arlete Nogueira dos Santos Braga	41
	5. AS ARTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS Carla Lima Almeida de Couto	47
	6. A IMPORTÂNCIA DE UMA SEGUNDA LÍNGUA PARA CRIANÇAS Edna dos Reis Ricardo	51
	7. AS BRINCADEIRAS E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS Fellipe William Marques Martins	55
	8. A LUDICIDADE NO DESENHO: A LIVRE E AUTÊNTICA EXPRESSÃO INFANTIL Glauce Castor de Medeiros	61
	9. A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIAS E SUA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO Iolanda Aparecida dos Santos	67
★	10. A ANIMAÇÃO NARUTO E A POÉTICA VISUAL DA CRIANÇA NAS AULAS DE ARTE; NOVAS REPRESENTAÇÕES AO DESENHAR Isac dos Santos Pereira/ Maria Ignes Carlos Magno	71
	11. AS DISCIPLINAS HUMANÍSTICAS NO CURSO DE ENGENHARIA José Wilton dos Santos	77
	12. CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL Kelly da Cruz Bianchini	83
	13. FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL E AUDIOVISUAL Márcia Dantas dos Santos da Silva	91
	14. A IMPORTÂNCIA DA DOCÊNCIA NO DECORRER DA VIDA Maria Vanuzia de Lima Santos	97
	15. MATEMÁTICA DE MANEIRA LÚDICA NAS SÉRIES INICIAIS Marinalda Bezerra da Silva	101
	16. PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO Michelly Aparecida Nogueira Sousa dos Santos	105
	17. A INTRODUÇÃO DA MUSICALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Rosemary Nunes Gomes	109
	18. AS ARTES E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL Vera Lucia Brasilino	113

## MÉTODO QUALITATIVO NA PESQUISA ACADÊMICA

ADEILSON BATISTA LINS

**RESUMO:** O desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica requer a escolha de uma metodologia, através da qual se façam escolhas por métodos, instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados. O desenho, ou seja, a estrutura experimental é inerente ao processo descritivo de todas as fases de uma pesquisa, dele é dependente de quais percursos serão meticulosamente escolhidos, se a pesquisa qualitativa, quantitativa ou mista. A pesquisa qualitativa é o alicerce de todas as demais, por meio dela se torna viável a desenvoltura de um instrumento analítico e dialético. Contudo, há desacordos infrutíferos entre a aplicabilidade isolada de uma ou outra metodologia, portanto, buscou-se diferenciar vantagens e desvantagens das duas perspectivas de pesquisa, apresentando um conjunto de categorização a partir dos postulados de Pedro Demo, no que tange à metodologia qualitativa. O método utilizado foi o de revisão bibliográfica e análise descritiva, tecendo comparações e aproximações entre as principais revisões e produções temáticas. Verificou-se uma aproximação lógico-simbólica das terminologias entre o autor central e os demais pesquisadores que se debruçaram sobre as narrativas de uma metodologia qualitativa, na esfera acadêmica, a partir das Ciências Sociais, berço de sua concepção. A escolha por uma metodologia ou outra, sobretudo a de cunho qualitativo, demonstrou o quanto é relevante planejar, escolher o método, utilizar a argumentação sem exageros apelativos. O caminho qualitativo, bem como as demais metodologias, não supera e nem se trata de algo mais apurado, melhor, ainda que se refira ao estudo da realidade humana, de suas facetas sociais e complexidade relacional. Esse tipo de metodologia apresenta macros e micros detalhamentos com maior complexidade dentre as demais, com destaque para divergências naturais. Constatou-se, também, que os verbetes pesquisa e método foram similares em diversos contextos, com fusão e sinonímia, porém, método e procedimentos metodológicos ainda não estão bem claros.

**Palavras-chave:** Metodologia qualitativa. Método. Procedimentos metodológicos. Pesquisa acadêmica.

### INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de uma investigação começa com a necessidade vital humana – o conflito interno em descobrir, procurar e tentar propor soluções para problemas reais. É mister, assim como necessário, afirmar que as investigações tendem, em sua maioria, ao bem comum, pois, têm o propósito de promover mudanças locais e, também, com amplitudes globais, com indícios de constatações *in loco*, com experimentação, ou apenas baseada em produções bibliográficas. Tanto a experimentação, quanto a leitura esmiuçada são complementares, já que buscam contestar, comprovar e, corriqueiramente, continuar uma obra, uma tal fonte precursora à qual se atribui algum valor científico, econômico, histórico e social (CERVO; BERVIAN, 2002; MINAYO, 1998).

A escolha de um método, o *modus operandi*, requer decisão, pois, desta etapa depende todos os outros passos de uma pesquisa. É através do planejamento que o pesquisador reformula, repensa e decide o que fazer, quando fazer e como se deve proceder ao longo de um período estimado. Assim, o método de pesquisa costuma ser definido como

qualitativo e quantitativo. A escolha tenderá para um único (qualitativo ou quantitativo) ou de modo combinado (qualiquantitativo). Essas definições sofreram mudanças na nomenclatura desde a década de 1960, sendo que, método misto pode ser encontrado com maior facilidade até o momento (KETTLES; CRESWELL; ZHANG, 2011; CRESWELL, 2010 citado por SANTOS et al., 2017).

A constituição do escopo desta análise crítica, com foco na perspectiva qualitativa da pesquisa, faz uso da produção de Pedro Demo (2001). Sob esse viés, a conjuntura observada, na qual se desenrola como atributo inerente às ciências humanas, os conceitos e suas abordagens de entorno se dá conforme a organização do autor. Contudo, são diversos os modelos conceituais no campo da prática qualitativa, ainda que sua essência seja a mesma, a discussão crítica toma caminhos diferentes. Assim, seria excessivamente abrangente o uso de outras nomenclaturas e, portanto, não benéfica, uma vez que se galga explicitar como a investigação qualitativa é composta, ou seja, como a sua estrutura abarca o eixo vertebral dos trabalhos acadêmicos.

Para tanto, a descrição a seguir corrobora com Demo (2001), quanto aos desdobramentos em fases: interpretação/reinterpretação, formal ou discursiva (análise semiótica, análise da conversação, análise sintática, análise narrativa e análise argumentativa) e sócio histórica.

## DEFINIÇÕES E DIÁLOGOS INICIAIS: METODOLOGIA E PESQUISA QUALITATIVA

Ao se propor uma investigação, qualquer agente da pesquisa precisa saber do que se trata pesquisar; ter conhecimento; escolher uma metodologia cabível e, também, que ofereça repetição em qualquer lugar; fazer uso do senso comum e a partir dele possibilitar a alfabetização científica; distinguir os tipos de conhecimento (empírico, filosófico, teológico e científico); escolher qual será a abordagem para o método, se este for científico, qual delas será requerida (pesquisa quantitativa, qualitativa ou mista); a natureza da pesquisa (básica ou aplicada); quais os objetivos da pesquisa (exploratória, descritiva e explicativa) e; quais os procedimentos (pesquisa experimental, bibliográfica, documental, de campo, *ex-posto-facto*, de levantamento, com *survey*, estudo de caso, participante, pesquisa-ação, etnográfica e etnometodológica (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O método qualitativo de pesquisa contempla a análise dos dados e a discussão daquilo que foi proposto numa investigação, logo, pode-se arriscar na afirmação de que seria o 'pano de fundo', ou ainda assim, o alicerce dos demais métodos quantitativos (CAMPOS, 2004; CYRIACO et al., 2017). Sua origem remete ao desenvolvimento das ciências sociais, pois, adotam postura própria para com o estudo dos fenômenos que embasam as relações humanas ao longo da sua história.

Na produção da pesquisa sobre metodologia, há confirmações de que esse método projeta toda a análise do discurso, ora não sendo possível quantificar sem qualificar e aprofundar-se na descrição de resultados (SANTOS et al., 2017; FERREIRA, 2015). Os dois métodos não teriam quaisquer conflitos, sendo errôneo a partir de Campos (2004, p.613), nas discussões acadêmicas, já que a complementação é necessária. Contudo, os argumentos de Wilson (1986, citado por FERREIRA, 2015, p. 115) são veementes quanto à contradição entre os grupos de pesquisadores, fazendo referência aos quantitativistas. De acordo com o primeiro autor, para que houvesse aceitabilidade no meio acadêmico, um método só poderia ser considerado científico se utilizasse ferramentas como, classificação, teste de hipóteses, mediação e tabulação, sem revelar nenhuma característica sócio histórica, mas com tal rigidez a fim de ter credibilidade.

Demo (2001, p.15; p.19) adverte ser difícil definir o método qualitativo, pois, o significado de qualidade é amplo, tendendo para formas de explicações não lineares. Para tanto, faz uso dos termos 'intensidade' e 'politicidade', admitindo que sem aprofundamento discursivo, envolvimento do pesquisador com o seu 'objeto' de pesquisa, assim como sem ética, não seria possível deslindar as vicissitudes ao longo de tudo o que se propõe investigar.

O uso do método de pesquisa qualitativo, ou ainda, do recurso de análise qualitativo, é definido por Cyriaco et al. (2017, p.5) como:

É um método de estudo que valoriza a descrição e a explicação dos fenômenos investigados, a partir de entrevistas e observações. Inicialmente, tais procedimentos eram restritos à antropologia e à sociologia. Aos poucos, porém, eles foram ganhando espaço em outras áreas da ciência, já que promovem uma avaliação holística da população estudada.

Esse conceito é visto como conjunto de produção social que se pode discutir, mas não quantificar. O que se faz é compreender e esmiuçar fatos de uma realidade social, em tramas e ações. Além disso, Minayo (2001, p.14) concorda com Cyriaco et al. (2017) quanto ao uso inicial nas ciências sociais, nas acrescenta sobre se tratar de resistência à dominação da forma quantitativa, sendo ainda, não bem quista pelo primeiro segmento citado. Fica em evidência que tal realidade se deve, principalmente, as características do método serem regadas por empirismo subjetivo e profunda participação emotiva de quem o realiza.

Diante do conflito exposto, Cyriaco et al. (2017) adverte sobre ser necessário para o método qualitativo, o mesmo rigor e seriedade no tratamento das informações coletadas.

A pesquisa qualitativa, por definição, é descritiva, portanto os dados não são reduzidos a variáveis, mas geram temas que são observados e explorados como um todo. O método de análise é indutivo ou inferencial, ou seja, as conclusões se dão a partir de interpretação analítica profunda das entrevistas e observações. O conhecimento se dá de forma explícita e descritiva. Essa talvez seja a etapa mais difícil e negligenciada na condução da pesquisa qualitativa. É necessário estabelecer um processo de cruzamento de informações e de classificação dos dados para que a interpretação seja objetiva, precisa, transparente e reproduzível, a fim de garantir o rigor científico dos achados.

As principais características evidenciadas para o método qualitativo são: dados observados e coletados em ambiente natural; ação principal do pesquisador; avaliação descritiva; importância das experiências de vida das pessoas; observações do comportamento e das relações sociais e enfoque indutivo. Ainda assim, as fontes de dados qualitativos podem ser: gravações e depois transcrições da fala dos entrevistados e do pesquisador; aplicação de questionários; uso de notas de campo; gravações de vídeos; notas de estudos de casos; notas da imprensa, análise de documentos e fotografias (GODOY, 1995, p.62-63; CYRIACO et al. 2017).

Na visão de Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), as características do método versam sobre:

objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Outros autores, a fim de elencar as características desse método de pesquisa, preferem contrapor descrições com o método quantitativo. Desse modo, Günther (2006, p. 202) cita "a) características da pesquisa qualitativa; b) postura do pesquisador; c) estratégias de coleta de dados; d) estudo de caso; e) papel do sujeito e f) aplicabilidade e uso dos resultados da pesquisa." Para Minayo (1998), esse contraponto de qualificações dicotomiza os métodos, onde a pesquisa qualitativa tem como 'objeto' de estudo o próprio ser humano, enquanto a pesquisa quantitativa utiliza números e fatores ambientais como alvo.

O método, ou pesquisa, quantitativo apresenta como gênese as concepções acerca do positivismo exacerbado, do empirismo radicalizado na Europa, do "materialismo histórico, etnografia e fenomenologia" (FERREIRA, 2015, p. 116).

A origem do quantitativismo está associada à filosofia da ciência, com Galileu e Newton, e está presente na linha de pensamento empirista e positivista. O empirismo entende que o conhecimento científico está nos fatos, então o trabalho científico deve primar pela purificação do objeto, relegando-se o que não é essencial, para que o pesquisador possa descrever os fatos gerais e reproduzíveis. O positivismo percebe

o avanço das sociedades como fenômeno motivado, apenas, pelo desenvolvimento tecnológico, principalmente, decorrente das ciências naturais (FERREIRA, 2015, p. 115).

A contribuição dos trabalhos de Demo (2001), Campos (2004), Gerhardt e Silveira (2009), Cyriaco et al. (2001) e Günther (2006) mostra vários pontos de aproximação, sobretudo quando abordam o detalhamento característico proposto por Flick, von Kardorff e Steinke (2000 citado por Günther, 2006): i) realidade social construtiva; ii) destaque para o processo e a reflexão da práxis; iii) condições objetivas e significados subjetivos; iv) a mutabilidade das condições sociais beneficia o pontapé da pesquisa. Em acréscimo, Flick, von Kardorff e Steinke (2000 citado por Günther, 2006, p.202) utilizaram treze itens e Mayring (2002, citado por Günther 2006, p. 2006) fez uso de doze itens para especificar a diferença clássica entre os métodos, compilando-os em, pelo menos, cinco: "características gerais; coleta de dados; objeto de estudo; interpretação de dados e; generalização argumentativa.

## CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA, SEGUNDO DEMO (2001)

### FASE DA INTERPRETAÇÃO E REINTERPRETAÇÃO

A fase de interpretação e reinterpretação, proposta por Thompson (1995), e citada por Pedro Demo (2001), é uma construção criativa. De acordo com o autor, um estímulo à percepção do mundo social e à construção de saberes que possuem um potencial crítico, reflexivo e emancipatório. Esta foi dividida em três partes pelo autor: *standpoint epistemology*, questionamento próprio; reinterpretação. Em síntese, dispõe sobre em qual momento investigativo da pesquisa se deve fazer a empatia de pesquisador para entrevistado, levando em conta sua cultura e o contexto social no qual ele está inserido, interpretando os fatos de maneira autônoma e desconstrutiva.

A etapa da reinterpretação dá-se por meio da avaliação definitiva, porém distingue-se dela, uma vez que essa última procede por avaliação: desconstrói, quebra e divide, visando aumentar o entendimento sobre as formas simbólicas – o sítio epistemológico –, focando sua estrutura intrínseca. A reinterpretação procede-se por síntese, integrando o conteúdo das formas simbólicas à avaliação do contexto de sua produção. Trata-se de uma explicação interpretativa, plausível e bem fundamentada, onde o referencial teórico será de vital importância, para entendermos o fenômeno estudado. É o aspecto referencial das formas simbólicas que está especificamente em jogo nessa

hora; elas representam algo, dizem alguma coisa sobre esse algo, e isso precisa ser captado na hora da reinterpretação. Os sentidos produzidos ao longo do trabalho de quem analisa são capazes de distanciar-se ou mesmo divergir do significado que foi dado às formas simbólicas, por quem originalmente as analisou e pré-interpretou: os sujeitos sociais. Nesse intuito é que Thompson (1995 citado por Demo, 2001) argumenta: “a eventualidade de um embate de interpretação é intrínseca ao próprio processamento de significado.” Este perigo é característico à ação de reinterpretar um campo, já primeiro interpretado pelos sujeitos. O autor denomina esta situação de “diferença entre uma interpretação de superfície e uma de profundidade”, ou “entre uma pré-interpretação e uma reinterpretação.” O fato é que se sustenta a concepção de que as formas simbólicas precisam ser compreendidas com referência às condições sócio históricas de sua produção, tanto quanto com referência à sua estrutura interna, seus padrões e efeitos. O esquema intelectual da Hermenêutica da Profundidade (HP) deverá apresentar os aspectos múltiplos das formas simbólicas, evitando as armadilhas do internalismo ou do reducionismo (VERONESE; GUARESCHI, 2006; OLIVEIRA; ANDRADE; SILVA, 2013).

#### FASE DA ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

Tem por objetivo demarcar a complexidade estrutural dos objetos e expressões que circulam nos campos sociais. Apresenta cinco variantes:

» Análise semiótica – estuda as relações entre os elementos que fazem parte da forma simbólica (signo) e como esses elementos e o sistema mais vasto se relacionam. Tem como foco as próprias formas simbólicas e as suas características estruturais internas, seus elementos constitutivos e inter-relações, conectando-se aos sistemas e códigos dos quais fazem parte.

» Análise da conversação – retrata o estudo das instâncias da interação linguística nas situações concretas em que elas ocorrem, com o intuito de captar como estão organizadas, e a partir destas, assinalar características sistemáticas ou estruturais. O exame da conversação pode ser aproximado da etnometodologia, com interesse nas propriedades ordenadoras e nas realizações contínuas das práticas sociais cotidianas.

» Análise sintática: se interessa com a parte gramatical da fala comum e não com a gramática formal, sua estruturação discursiva está baseada em como são feitas as frases, como o pensamento é formulado, como se relacionam, se separam, inventam ou eliminam ideias, como é feita a abordagem de outra pessoa ou como ela é evitada.

» Análise narrativa: deseja a descoberta da estruturação do enredo nas histórias, modelos de dinâmicas, personagens e papéis.

» Análise argumentativa: está destinada a procurar modelos de interferência, indução e dedução, que possam tornar o discurso mais real ou que provoque o convencimento, acaba se voltando para a estrutura retórica do discurso, não intencionando pretensão ou falsidade na argumentação do discurso.

A análise de conteúdo apresentada por Campos (2004) aproxima-se do léxico e semântica de Demo (2001), quando do uso simbólico das subfases do método análise de conteúdo, onde aparecem os verbetes domínio da linguística; métodos lógicos, estéticos e formais; métodos lógicos semânticos; métodos semânticos e semânticos estruturais e; hermenêutica. Quando Demo (2001) faz uso da hermenêutica, cita Thompson (1995) e sua HP, pondo em evidência conceitos semelhantes e conotações muito próximas.

#### FASE DA ANÁLISE SÓCIO HISTÓRICA

A pesquisa qualitativa sócio histórica tem como objetivo principal a preocupação em encontrar um método compatível com o modelo de homem concreto e social, preservando a riqueza da vida bem como a realidade dos eventos concretos. Uma abordagem focando compreender fenômenos dentro de um contexto histórico onde cada indivíduo é considerado como um todo no contexto social, sendo, portanto, dialógica e o pesquisador é uma parte extremamente importante dentro de um processo investigativo tendo uma relação direta e pessoal com o pesquisado que se reflete nos instrumentos utilizados e na análise dos dados. Uma pesquisa sócio histórica procura superar o reducionismo, compreender os eventos investigados e suas possíveis relações de integração do indivíduo com o social e o pensamento de que todo conhecimento é adquirido somente através de experiências, isso fica evidente nas ideias de Vygotsky (1896-1934).

Reconstrói, de modo argumentativo e descritivo, os cenários sociais em que se desenvolvem as produções humanas (científicas ou não); como acontece a distribuição das ideias e suas hegemonias; o impacto causado por ideologias de dominação, ou seja, quais são as respostas, comportamentos e percepções humanas diante desse aporte.

A análise sócio histórica não se restringe a mais um procedimento, mas tanto o ‘objeto’ quanto o proceder se associam, como Demo (2001, p. 39) chama de “genético”. Ainda assim, exemplifica:

Podemos ressaltar situações no espaço e no tempo, campos de interação social, aparatos institucionais da sociedade e estruturas sociais, e em se tratando de comunicação midiática, vale a pena também estudar os meios técnicos da construção de mensagens e de transmissão; tudo isso concorre para a contextualização social das formas simbólicas.

Há forte constatação sobre a metodologia qualitativa como sendo recurso para “tornar o discurso (...) independente, auto-suficiente (...) para dar conta dos significados” (LÉVI-STRAUSS, 1967;1976 citado por DEMO, 2001, p. 44).

Sobre a construção ou a forma como se argumenta, como já discutido ao longo desse trabalho, a teoria em si não resolve tudo, não é a única responsável por dar cabo do que se pretende investigar e discutir como resultados, todavia os alicerces (metodologia, procedimentos, abordagens etc) se não bem esclarecidos podem comprometer o desfecho.

Quando nos sentimos perdidos na análise, ou não sabemos por onde começar – fato que é comum diante de objetos complexos, principalmente de materiais dispersos como são falas, discursos, entrevistas – isso significa claramente que a teoria de fundo e a hipótese de trabalho não são suficientemente claras e construídas. (...) nenhum problema pode ser considerado como “resolvido”, porque nenhuma discussão acaba propriamente, mas pode-se ter pelo menos a sensação de que o tratamento do tema atingiu patamar suficiente, por enquanto” (DEMO, 2001, p. 47).

O uso do referencial teórico deve ser obrigatório, pois, se evita o que Thompson (1995 citado por DEMO, 2001, p. 48) afirma ser “as falácias do reducionismo e do internalismo (...) apostando na capacidade argumentativa para evitar interpretações equivocadas de veleidades, pressa e encurtamentos”. Verifica-se neste ponto, como o pesquisador, que se dispõe a utilizar este caminho metodológico, deve utilizar a argumentação e o conhecimento teórico numa diversidade apropriada do discurso, pois, o objeto de pesquisa não será “enfeitado”, mas a própria pesquisa, com fatores intrínsecos passíveis de serem alterados por variações esporádicas, como “conhecer opiniões, crenças, representações, modos de se expressar e ver, jeitos de contar e ouvir (...)” (DEMO, 2001, p. 49).

A qualidade da pesquisa sofre influência direta do pesquisador (campo-sujeito-objeto), bem

como ao que se observa entre entrevistado e entrevistador, incidindo sobre o campo benéfico de dirigir e obter dados mais precisos e acurados.

Não estamos buscando um dado “objetivo”, como se fosse uma pepita de ouro encontrada na mina, mas queremos um dado qualitativamente construído, obtido por um processo de conversa entre sujeitos, no qual o protagonismo comparece nos dois lados (...) Para a conversa solta, acreditar no outro é algo implícito (...) Para a análise científica, o questionamento é essencial (DEMO, 2001, p. 49-50).

Demo (2001, p. 51) desmascara negativamente a forçosa decisão sobre ser ou não preciso a abordagem qualitativa, comparando como construir um canhão para matar uma mosca, ou levar um estilingue para combater uma guerra nuclear. A análise crítica da sentença explícita mais do que qualquer outra compreensão, a lógica do reducionismo, alertando sobre o quanto é relevante planejar, escolher o método, utilizar a argumentação intertextual sem exacerbação apelativa.

Logo, a metodologia qualitativa não se trata de algo mais apurado, melhor, superior, além de outros métodos e com primordial decisão de escolha, já que podem ser múltiplos (misto), mas se refere ao estudo da realidade humana, de suas facetas sociais e complexidade relacional.

## VANTAGENS E DESVANTAGENS DA PESQUISA QUALITATIVA

O setor empresarial costuma empregar com frequência a pesquisa qualitativa, uma vez que se valem da coleta de dados a respeito do comportamento de seus funcionários ou clientes, buscando compreender o nível de satisfação de um determinado produto ou formas de consultoria que podem ser ofertados. Nesse cenário, Rocha (2017), criador do recurso digital *klikpages*, traçou um panorama de vantagens e desvantagens comuns à aplicação dessa metodologia de pesquisa, como visto abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 – Principais vantagens e desvantagens para aplicação da pesquisa qualitativa\*

Vantagens	Desvantagens
Método barato	
Não se limita à ‘sim’ e ‘não’	Perda do foco principal
Presença do início ao fim do pesquisador	Indução de resultados
Riqueza de análises	Dados muito subjetivos
Diferentes análises para o mesmo fato	Desistência do objeto/ entraves éticos
Vivência entre pesquisador e objeto	Dados tendenciosos
Independência do tamanho da amostra	Carência de representatividade
Normalmente a amostra é pequena	Baixa confiabilidade dos dados

\*Reformulado a partir de Rocha (2017).

Sobre o tamanho da amostra, enquanto uma vantagem para Rocha, a escolha se adéqua conforme a necessidade do pesquisador, uma vez que o exemplo reformulado acima se refere à área de logística econômica, quando da necessidade de uma empresa verificar o padrão de qualidade que oferta. Logo, há discordância com outras realidades de pesquisa, ao que Grover e Glazier (1985, citado por SOUZA, 1989) consideram uma desvantagem acentuada e comprometedor para a discussão/ análise dos resultados, pois, incorreria o risco de formular uma conclusão em torno de um grupo cultural minoritário. Essa não representatividade acarretaria o privilégio de uns em detrimento de toda uma comunidade.

Souza (1989) fez uma revisão detalhada a respeito de tais benefícios ou limitações da metodologia de pesquisa qualitativa, já que expõe o panorama conceitual, descritivo e característico, com comparações precisas para a metodologia de pesquisa quantitativa. Aponta dois pesquisadores como recurso argumentativo a respeito das vantagens e desvantagens, sendo seu foco a biblioteconomia.

É possível, de antemão, com o suporte teórico escolhido, expor os fatores responsáveis por determinar a justificativa sobre o uso de um ou outro método, bem como suas possíveis limitações. Atentando-se para o cenário qualitativo, Souza (1989) utilizou Grover e Glazier (1985), no âmbito da observação estruturada e, também, Stenhouse (1981) para os estudos de caso. Uma compilação desses três autores pode ser visualizada abaixo em duas sessões.

#### Vantagens:

- Útil na investigação de problemas pouco esclarecidos;
- Útil para a construção de teorias e sua verificação;
- Visão ampla do meio, quando há muitos fatores atuando simultaneamente;
- Aumenta a reflexão, experiência e o caráter analítico de quem utiliza esse método;
- Promove nova compreensão dos fenômenos, antes não examináveis na totalidade;
- Apoia ações não manuseáveis, não formais ou não valorizadas para investigação;
- Pode despertar o interesse de outros pesquisadores;
- Concede melhor prestígio por participação direta do pesquisador.

#### Desvantagens:

- Exige muito tempo de dedicação e estudo;

- A análise interpretativa pode ser prejudicada porque os eventos acontecem muito rápido;
- Amostragem pequena;
- Os resultados dependem do treinamento prévio dos participantes.

Tomando como alusão a pesquisa de Demo (2001), Gonçalves (2007, p. 202) conseguiu abstrair as seguintes contribuições vantajosas: “saber pensar; questionamento reconstrutivo; mudança comportamental; envolvimento emocional e; qualidade do professorado”.

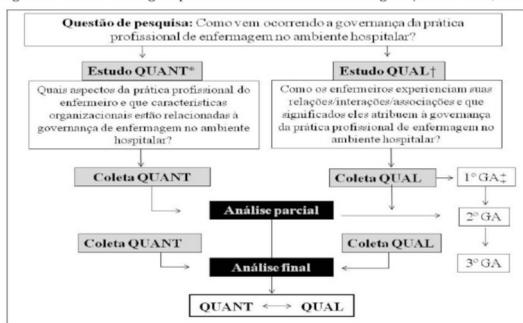
Os dois modos de pesquisa são constantemente provados por critérios de objetividade, confiabilidade e validade, em rigor acadêmico. A objetividade em si é pungente aos instrumentos quantitativos, em ordem crescente de uso desde a revisão feita por Souza (1989). Sobre este último critério, assim como as características dele derivadas, Oldman (citado por Souza, 1989, p. 180) contradiz a preconização das divergências insólitas e do caráter autoritário da dicotomia entre os dois modelos metodológicos:

[...] toda pesquisa, de qualquer modo que seja conduzida, é igualmente vulnerável ao viés, emoção, negligência, mudança de direção, erro lógico e mesmo fraude [...] Objetividade é como uma convenção legitimada em relação ao que um método particular já produziu, e não uma qualidade intrínseca de determinado método.

Os três métodos de pesquisa (quantitativo, qualitativo e misto) e suas técnicas aplicadas estão unificados por meio de indagações propositivas – hipótese – onde, a pergunta inicial, da qual parte a problematização e o objetivo da investigação, é qualitativa (GÜNTHER, 2006, p. 201).

No trabalho desenvolvido por Santos et al (2017, p.5), há o delineamento esquemático utilizando o método de pesquisa mista, por assim representar o plano estratégico da pesquisa. Pela análise da configuração do layout, há a confirmação do que foi afirmado por Günther (2006, p. 201), sobre não ser possível apresentar apenas quantificações isoladamente, a tentativa de explicar os números, ou mesmo da disposição idealizada para a experimentação (delineamento) seria frustrada, já que todo problema parte de uma indagação com possíveis resultados com fins de qualidade. Os dois primeiros tipos de pesquisas, fundidos num terceiro, corroboram para esta conclusão, como visto em destaque logo na sequência.

Figura 1 – Plano estratégico para desenvolvimento metodológico (Santos et al., 2017)



\*QUANT: quantitativa; QUAL: qualitativa; GA: grupo amostral  
 Figura 1 - Diagrama representativo do desenho do estudo

Para tanto, alguns autores elaboraram questionamentos a fim de determinar indicadores que comprovem a qualidade de uma pesquisa, denominando-os “critérios de qualidade de pesquisa”, como Lienert (1989), Feyerabend (1976), Steinke (2000), Miles e Huberman (1994), Grunenberg (2001), e Mayring (2002), citados por Günther (2006, p. 206). Assim, Günther (2006) selecionou as principais contribuições contundentes a partir de Mayring (2002), Miles e Huberman (1994), Gunenberg (2001) e Steinke (2000):

- As perguntas da pesquisa são claramente formuladas?
- O delineamento da pesquisa é consistente com o objetivo e as perguntas?
- Os paradigmas e os construtos analíticos foram bem explicitados?
- A posição teórica e as expectativas do pesquisador foram explicitadas?
- Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos metodológicos?
- Os procedimentos metodológicos são bem documentados?
- Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos analíticos?
- Os procedimentos analíticos são bem documentados?
- Os dados foram coletados em todos os contextos, tempos e pessoas sugeridos pelo delineamento?
- O detalhamento da análise leva em conta resultados não-esperados e contrários ao esperado?
- A discussão dos resultados leva em conta possíveis alternativas de interpretação?
- Os resultados são – ou não – congruentes com as expectativas teóricas?
- Explicitou-se a teoria que pode ser derivada dos dados e utilizada em outros contextos?
- Os resultados são acessíveis, tanto para a comunidade acadêmica quanto para os usuários no campo?
- Os resultados estimulam ações – básicas e aplicadas – futuras?

Para se atingir tais critérios/indicadores, (FERREIRA, 2015, p.117) destacou que o pesquisador precisa ter planejamento adequado e conhecimento autêntico das vantagens e limitações que um método de pesquisa oferece. Assim, “a análise qualitativa é essencial para o entendimento da realidade humana, das dificuldades vivenciadas, das atitudes e dos comportamentos dos sujeitos envolvidos, constituindo-se um suporte teórico essencial”.

## CONCLUSÃO

Verificou-se o desdobramento da pesquisa qualitativa em outras fases, ou mesmo outros métodos de análise. Há, por assim afirmar, macros e micros detalhamentos a cerca da metodologia qualitativa, com maior complexidade se comparada à metodologia quantitativa. Enquanto a primeira, conforme a fonte de leitura, se embasa em descrições e análises, de modo que tais constatações evoquem métodos dialógicos, construtivistas, hermenêuticos, ou a combinação de várias deles, a segunda, busca atribuir conceitos numéricos, com proporções exatas.

Ainda assim, os métodos qualitativos e quantitativos podem ser combinados, apresentando complementações valiosas e requeridas para a riqueza de detalhes de uma pesquisa e, também, destacando divergências naturais.

No macroplano da aprendizagem em metodologia, os verbetes pesquisa e método foram similares em diversos contextos, com fusão e usos sinônimos, porém, método e procedimentos metodológicos ainda não estão bem claros. A conotação de proceder na escolha de um método de pesquisa se deduz como outros tantos métodos intraspecíficos, figurando como microplano, ou uma das fases do planejamento da pesquisa científica. Enquanto Gerhardt e Silveira (2009) usaram essa distinção em fases de um método, Campos (2004, p.612) admitiu ‘campos dos métodos’ e Demo (2001) nomeou como ‘patamares de análise’ ou ‘procedimentos da hermenêutica de Thompson’, agindo com a confecção de adaptações à HP e suas variantes (subseções de um procedimento/método).

Assim como Campos (2004, p. 611) expôs ser difícil para um pesquisador em seu prelúdio de iniciação à pesquisa estruturar a metodologia do seu trabalho, constatou-se ser difícil, porém, possível, a escolha de ‘procedimentos/patamares/fases’. A escolha do autor-pesquisador ou da fonte como referência para tomar como norte, quanto à acomodação lexical e semântica podem representar reflexão crítica e rica assimilação de visões diferenciadas. Contudo, também pode ser uma falácia, visto que cada objeto de pesquisa demanda particularidades. Na fase do planejamento, as

definições precisam ser avaliadas com atenção, pois, a escolha do método – se qualitativo, quantitativo ou misto –, determinará todas as outras etapas, bem como o sucesso ou as dificuldades metodológicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos na área da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.57, n.5, p.611-614, 2004.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CYRACO, A. F. F.; NUNN, D.; AMORIM, R. F. B.; FALCÃO, D. P.; MORENO, H. Pesquisa qualitativa: conceitos importantes e breve revisão de sua aplicação à geriatria/gerontologia. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 4-9, 2017.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos (Coleção Papirus Educação)**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

FERREIRA, C.A.L. Pesquisa quantitativa e qualitativa: perspectivas para o campo da educação. **Revista Mosaico**, Goiás, v.8, n.2, p.113-121, 2015.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa (Série EaD)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GODOY, A.S. Pesquisa Qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, p. 20-29, 1995.

GONÇALVES, M.C.S. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico (Resenha). **Ciência**

**e Cognição**, v.10, p.199-203, 2007.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa. Esta é a questão? **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 2, p., 201-210, 2006.

MINAYO, M.S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, M.S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

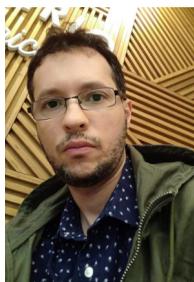
OLIVEIRA, F.D.; ANDRADE, M.M.; SILVA, T.T.P. A hermenêutica da profundidade: possibilidades em educação matemática. **Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.1, p.119-142, 2013.

ROCHA, H. O que é pesquisa qualitativa, tipos, vantagens, como fazer, exemplos. 2017. Disponível em: <<https://klickpages.com.br/blog/o-que-e-pesquisa-qualitativa/>>. Acesso set. 2018.

SANTOS, J.L.G.; ERDMANN, A.L.; MEIRELLES, B.H.S.; LANZONI, G.M.M.; CUNHA, V.P.; ROSS, R. Integração entre dados quantitativos e qualitativos em uma pesquisa de métodos mistos. **Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, v.26, n.3 p.1-9, 2017.

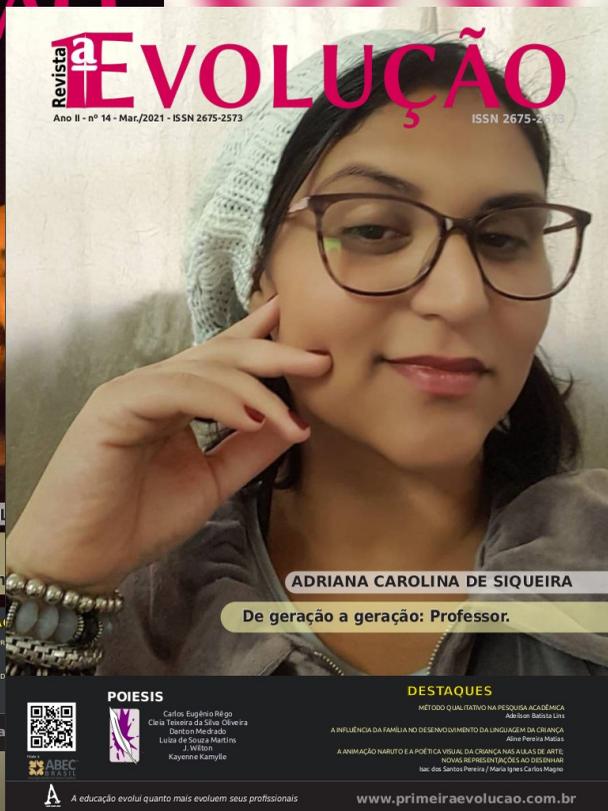
SOUZA, C.L.M.V. A problemática dos métodos quantitativos e qualitativos em biblioteconomia e documentação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 174-182, 1989.

VERONESE, M.V.; GURARESCHI, P.A. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 42, n.2, p.85-93, 2006.



### Adelson Batista Lins

Graduado em Ciências Biológicas (UESC) e em Pedagogia (UNIMES), especialista em Ensino de Biologia (USP), Planejamento e Implementação da Educação a Distância (UFF), Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (UNYLEIA-AVM), Mestre em Produção Vegetal, com ênfase em Melhoramento Genético Vegetal (UESC) e Mestre em Ensino de Biologia (ProfBio-UFRRJ). Professor na rede estadual e municipal de ensino de São Paulo, atuando ainda como pesquisador em ensino de Ciências e Biologia e avaliação da aprendizagem.



Filiada à:



### AUTORES(AS):

- Adeilson Batista Lins
- Aline Pereira Matias
- Anna Caroliny Lima Kecek Ruis
- Arlete Nogueira dos Santos Braga
- Carla Lima Almeida de Couto
- Edna dos Reis Ricardo
- Fellipe William Marques Martins
- Glauce Castor de Medeiros
- Iolanda Aparecida dos Santos
- Isac dos Santos Pereira
- José Wilton dos Santos
- Kelly da Cruz Bianchini
- Maria Vanuzia de Lima Santos
- Márcia Dantas dos Santos da Silva
- Marinalda Bezerra da Silva
- Michelly Aparecida Nogueira Sousa dos Santos
- Rosemary Nunes Gomes
- Vera Lucia Brasilino

### ORGANIZAÇÃO:

Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva



 <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.14.2021>

Edições  
**Livro Alternativo**

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

